

Joel CARDOSO**
Universidade Federal do Pará

Resumo: O artigo põe em evidência o fato de que a Literatura, como componente do processo de formação educacional, deveria ser colocada como um veículo (re)formulador que desenvolvesse o homem à sua dimensão humana, à sua capacidade de ser e estar de forma analítica no mundo. As instituições educacionais encontram-se diante de situações-limite que interpelam e exigem atores que interajam e atuem nelas. Perguntando-se apenas o horizonte da discussão e da prática política é suficiente para uma resposta a essas instâncias, propomos a concepção de uma prática pedagógica que se insira numa contextualização mais ampla. Transitando pelo academicismo teórico, mas não descolado do senso comum, o profissional de Educação que trabalha com Literatura poderia, prioritariamente, buscar um sentido prático e imediato para o seu fazer docente, estabelecendo permanentemente pontes entre o saber veiculado e a vida, propondo eles que contextualizem sua proposta pedagógica, revestindo-a de significação. O trabalho propõe, ainda, uma reflexão que se formulamenta no diálogo estabelecido entre a obra e o leitor, ou ainda, entre o que se lê e o conjunto em que o leitor está inserido.

Introdução: o contexto educacional

Parece cada vez mais difícil conceber um sistema de imagens ou objetos, cujos significados possam existir fora da linguagem. (...) Haverá um sistema de signos que possa dispensar a linguagem articulada? A palavra não será o elemento de difusão fatal de qualquer ordem significante?

Roland Barthes

** Doutor em Literatura Brasileira e Intertextualidade, professor da UFPA.

A Literatura, inserida na própria vida, não só proporciona lições de e sobre a vida, como também proporciona prazer, divertimento. A Literatura, em sua multiplicidade de formas, só se realiza efetivamente no ato de ler. Ler é colocar, ludicamente, a nossa fantasia em férias. Uma das muitas maneiras de expressão da Literatura, a Poesia é deslumbramento, descoberta, paixão, mas, sobretudo, mistério, mistério profundo. No universo da Literatura, os textos, quaisquer que sejam eles, existem para que nós nos deleitemos com eles; para que nos desvendem recantos interiores; para que nos devolvam a nós mesmos; para nos fazer transitar por veredas que, sem ela, a Literatura, continuariam permanentemente interditadas; para nos mostrar o que enxergamos, mas não vemos; para conferir sentido à vida, às coisas, aos seres.

As formas Narrativas, por sua vez, são viagens, excursões à exterioridade dos seres, possibilidades de ir e vir, puro deleite, descobrimentos, identificações, mas, também, estranhamentos, rupturas. São, por outro lado, incursões ao interior do ser, desvendando recantos densos, sombrios, processos de auto(re)conhecimento ou de distanciamentos, perplexidades.

É por isso que, entre outras possibilidades, resolvemos nos dedicar ao ensino da Literatura, para, num exercício pleno de liberdade, poder perambular por idéias, tramas, tempos, espaços, universos, enigmas, receios, pressentimentos, contradições...

Como professor de Literatura Brasileira e Teoria da Literatura, todos os anos, ao iniciar nossas aulas na graduação e, mesmo na pós, defrontamo-nos com uma situação no mínimo caótica. Temos diante de nós uma platéia oriunda das mais diversas camadas sociais e culturais, díspares em tudo. Sentimo-nos, no entanto, na obrigação de encontrar um denominador comum para que possamos iniciar, com alguma eficácia, a nossa prática. Se a realidade é essa e, de certa forma, nós já sabíamos de antemão que esse seria o quadro com o qual nos defrontaríamos, o que fazer?

Via de regra, os nossos alunos, em que pesem algumas brilhantes exceções, lêem pouco. Se fizermos um balanço, nas turmas de Letras, nosso público alvo, o saldo sempre deixa a desejar. Mesmo entre os docentes da área, poucos são os que transformam a leitura em prática prazerosa.

A Literatura, de uma forma geral, perdeu lugar para a televisão, para os jogos eletrônicos, para a Internet. Massificados por uma ditadura de imagens que se processa num ritmo vertiginoso, abdicamos paulatinamente da nossa capacidade de reflexão. E pior: acostumamo-nos com isso.

Sem dissociá-los, vamos perpassar, neste artigo, por universos demasiadamente abrangentes: a Educação e a Literatura, ambos submetidos a uma perspectiva humana, que, resgatando os valores estéticos, consigam chegar aos valores éticos, tentando, por esta via, alcançar a essencialidade que nos forma. Pode parecer, *a priori*, demasiadamente pretensioso. E é. Pode ser, ainda, que tenhamos que nos reportar ao óbvio novamente. Não importa. Há temas que, por mais debatidos que sejam, nunca o são suficientemente. Na caótica conjuntura em que se estrutura a contemporaneidade, quer dizer, em um mundo desumanamente competitivo e globalizado, importa criar, por todos os meios e formas, momentos de reflexão sobre os rumos que intentamos imprimir à Educação, principalmente no que concerne à prática docente, para que possamos criar, solidária, ética, ou seja, compartilhadamente, alternativas plausíveis e convincentes para um entendimento desse mesmo mundo, dessa realidade que nos abarca, e ainda, da trama que compõe o intrincado jogo de interesses nos quais estamos, consciente ou inconscientemente, inseridos, para que, só então, possamos repensar, com as condições de que dispusermos, a consolidação de um mundo mais justo, mais ético e, conseqüentemente, mais humano.

Utopia? Talvez. Mas sem ela, de há muito já não estaríamos militando na Educação.

Temos plena convicção de que a amplitude de alcance, tanto na propagação quanto na assimilação da cultura, transcendendo os limites regionais, geográficos, sociais, políticos, econômicos, pretende e precisa urgentemente se estabilizar, num futuro muito próximo, em alturas no mínimo mais confiáveis, em parâmetros um pouco mais sólidos, numa acomodação global, que atenda realmente as necessidades e os anseios coletivos do planeta.

A palavra, aliás, muito em voga, que tem servido como paradigma, ponto de partida para uma tomada de posição entre os educadores, é cidadania. Ser cidadão é, antes de tudo, ter direito pleno à vida. E nós, pois, ante um dilema. Paradoxalmente, se, como docentes, com a nossa prática, formarmos potencialmente cidadãos, teremos, indubitavelmente, uma clientela que porá em cheque, não só a nossa prática docente, normalmente precária e ultrapassada, como o próprio sistema educacional, se analisado tal como se viabiliza no momento. Na maioria de nossas instituições de ensino tudo recende a passado.

Urge, portanto, refletir sobre a nossa trajetória docente, que, como permanentes formadores de opinião, deve propor uma formação volta-

da, fundamentalmente, para o resgate consciente do cidadão, a fim de que possamos vislumbrar uma prática – Arte – que priorizasse o resgate da capacidade de pensar, de refletir do homem e, em última instância, a obtenção de uma efetiva melhoria no nosso sistema educacional no que diz respeito ao exercício consciente e reflexivo de leitura. O homem, agindo reflexivamente, pode, em se modificando, promover também nos demais mudanças salutares, interferindo no meio em que atua, contribuindo, assim, para uma conscientização coletiva. Para tanto, faz-se necessária uma análise dos pressupostos éticos que regem os procedimentos conjunturais da sociedade moderna.

1. Da leitura

Vivo no universo das palavras do outro. E toda a minha vida consiste em conduzir-me neste universo, em reagir às palavras do outro (as reações podem variar infinitamente), a começar pela minha assimilação delas (durante o andamento do processo do domínio original da fala), para terminar pela assimilação das riquezas da cultura humana (verbal ou outra). A palavra do outro impõe ao homem a tarefa de compreender esta palavra.

Bakhtin

Sabemos, com Paulo Freire, que a leitura de mundo antecede a leitura da palavra. No entanto, é bem verdade que, depois da aquisição da leitura da palavra, a leitura de mundo se processa em outro patamar. Uma leitura interfere na outra, modificando-a. Tão incorporada à vida moderna, nós nos surpreenderíamos se, eventualmente, nos perguntássemos o porquê da leitura. Lemos para lançar novas dimensões ao horizonte do olhar, do ver, do examinar. Lemos para analisar, questionar, saber, tomar conhecimento, concordar, discordar, opinar, propor, reivindicar, mas, momentaneamente, para que se instaure um diálogo permanente entre texto e leitor.

Nós não somos, obviamente, sistemas fechados. Quando temos os nossos limites definidos, quando expomos as nossas diferenças, mesmo, ainda, quando exteriorizamos as nossas aspirações, temos que, permanentemente, estar atentos para (re)direcionar as nossas exigências, de forma a harmonizá-las com um contexto mais abrangente. Temos, ainda, que trazer de forma contínua, claros para nós, o pressuposto de que os nossos desejos não são pontos isolados, pontos estanques, mas que eles afloram pontilhados por múltiplos desejos, por uma variedade

conforme de fantasias, por sonhos (in)confessáveis, por aspirações incontáveis. Aquilo que é bom para um indivíduo tem que ser, ou pelo menos deveria ser, necessariamente, bom para os demais. Cada ser humano é um universo em permanente e imediata conexão com tudo aquilo que o rodeia. Os limites dependem, para cada um, da abrangência de sua centralidade, da sua capacidade de ser e de agir. Nós somos o que somos porque os outros, sempre os outros, e, às vezes, à nossa revelia, acabam por nos conferir à imprecisa dimensão do nosso ser.

Antes da aquisição da leitura como a concebemos formalmente, já eramos, indubitavelmente, leitores. Todos nós somos seres que, para sobreviver, somos inapelavelmente condenados à leitura. Aprendemos a ler desde a mais tenra idade. E essa leitura, capacidade de compreensão, de apreensão, viabiliza-se em processos de decodificação e, também, em processos de decodificação inteligíveis e interativos das mais diversas mensagens. Formal ou informalmente, lemos, por exemplo, a realidade que nos circunda, as fisionomias, os fenômenos da natureza, os gestos e as reações, as manifestações artísticas, as criações do homem em todas as modalidades, enfim, para que continuemos vivos, lemos, ininterruptamente, o mundo em sua ampla e diversa complexidade.

Lemos pelos motivos mais distintos: compreender esse mundo que nos alunca, mundo cada vez mais complexo, mais exigente; entender outros discursos que nos complementam, auxiliam, aconselham, auxiliam, causam prazer, despertam para as potencialidades daquilo que somos. Lemos, também, para que possamos empreender um caminho que nos leve a nós mesmos, estabelecendo uma via interior de auto-reconhecimento. Lemos para que nos tornemos aquilo que, através de um processo de auto-reconhecimento, potencialmente somos e, muitas vezes, nem mesmo nos damos conta. Mas porque, em algumas ocasiões, ao nos depararmos com determinados textos, nós nos descobrimos, nos identificamos e achamos por nos emocionarmos, por nos sentir imantados com os fatos, as situações, as personagens, as diversas maneiras de ser e de agir. Fazendo-nos escapar da solidão, a leitura promove um diálogo permanente com outros textos, outros contextos que servem de referência e estão na base do entendimento das mensagens relacionadas pela leitura. O que importa é que esse diálogo entre o leitor e o texto esteja permanentemente ativado no ato da leitura, quer para que nós nos harmonizemos com o que está sendo transmitido, quer para que nos confrontemos com o que está sendo exposto. Lemos, enfim, para nos sentirmos ativos, atuantes, vivos. Vivos para atuar, para ser, para viver, para estar, para conquistar, para estabelecer e romperelos que, especularmente, através

do olhar do outro, confirmamos identidade e sentido ao nosso viver, à nossa forma de ser e estar no mundo.

2. Educação, Literatura e Humanismo

Em lugar de professor, com tradições fortemente "daadoras", o coordenador de debates. Em lugar de aula discursiva, o diálogo. Em lugar de aluno, com tradições passivas, o participante de grupo. Em lugar de programas alienados, programação conjunta, "reduzida" e "codificada" em unidades de aprendizagem.

Paulo Freire

A crise da contemporaneidade que vivenciamos – entendendo crise no sentido plural – não é nova. O caos contemporâneo se explica, em parte, por uma aplicação reiterada de fórmulas que não deram certo, pela importação de idéias que, aplicadas com sucesso a outros contextos, entre nós, não se mostraram eficazes; mas, sobretudo, por uma acomodação inexplicável a um contexto no qual relutamos interferir. Muito se tem falado, porém pouco se tem avançado. Cultural e economicamente continuamos, ainda e infelizmente, sob muitos aspectos, colonizados. Claro que avançamos. E muito. Mas muito ainda tem que ser feito.

A Literatura, por ter a possibilidade de poder se inserir em todas as instâncias do saber humano, tanto do plano da nossa objetividade, quanto, sobretudo, da nossa subjetividade, nos dá, também, a possibilidade de transitar analítica e reflexivamente por múltiplas áreas do conhecimento. Entendemos a Literatura como a criação, artisticamente elaborada através do discurso, de uma nova realidade, realidade que, uma vez discurso, se viabiliza ficcionalmente. No entanto, o ponto de partida para que façamos a análise dessa realidade continua sendo, como não poderia deixar de ser, o nosso mundo real, as nossas experiências vividas. A Literatura pode servir como um espelho da realidade, refletindo-nos tal qual somos. Nessa perspectiva, a título de ilustração, toda a produção realista, desde a antiguidade clássica até a produção contemporânea, formou uma longa tradição. A ilusão da apreensão da vida real – perpassada pelo bem e pelo mal, com suas virtudes, seus vícios e mazelas – foi uma proposta bem no sabor do realismo literário. A Literatura, por outro lado, pode (e deve, se for o caso) contestar essa realidade. Nesse sentido, temos, também, tanto na prosa quanto na poesia, um repertório muito grande. Uma outra possibilidade da Literatura é a criação de uma outra realidade, por

vezes desvinculada da lógica que rege a nossa realidade próxima, vizinha, cotidiana. Numa fuga à nossa realidade imediata, defrontar-nos-famos, então, com o fantástico, com o maravilhoso. A obra literária cria, neste caso, uma outra alternativa analítica desvinculada dos valores que regem a verossimilhança. Sem abdicar da nossa lógica, da nossa objetividade, somos impelidos e levados de roldão a um mundo em que a magia, o *fre-de-conta*, o implausível nos arrebatam. O que conta não é a verdade externa, mas uma outra, interior, coerente apenas com o discurso ficcional. Em qualquer dos casos, porém, o universo literário é o da possibilidade de representação, criando, artisticamente, a sua própria maneira de ser real ou irreal, próxima ou distante, verossímil ou inverossímil. Embora criada ficcionalmente pela Literatura, a realidade, ao se converter em objeto de análise, tem sempre como parâmetro genésico a nossa realidade. É só através do nosso conhecimento desta que chegamos, entendemos e concebemos aquela.

Ser professor – sobretudo o de Literatura! – é desarrumar idéias, e mexer no que está acomodado, nas convenções. É provocar as reflexões¹⁶. A Literatura nos dá a possibilidade de transitar pelos sótãos há muito abandonados do nosso interior, pelos desvãos insuspeitados de nossos receios e fantasias. De que nos interessariam, então, se assim não fosse, as idéias de autores que nos precederam há séculos? A Literatura é o acesso à reflexão sob outras perspectivas, sob outras dimensões de que nem sequer suspeitávamos. Lemos pelo prazer da instauração de um diálogo e não necessariamente para concordar com o autor, ou apenas discordar dele. Lemos para desvendar outras dimensões do indizível, do inconfessável, do implausível. Lemos pelo prazer da descoberta do inusitado, para arejar e redimensionar, reavaliar, recompor as idéias. Lemos para nos informar, para formar, mas, sobretudo, para reformar.

Face, ainda, à instabilidade e à insegurança da vida moderna, à corrupção que norteia a permanência no poder em todos os níveis (leia-se o nível político, passando pelo artístico e chegando ao acadêmico), acabamos por nos acomodar, neste cenário contemporâneo, aceitando, como normais, comportamentos antiéticos, valores questionáveis, posturas abomináveis. Isso tudo é tão velho quanto o ser humano. Sabemos quão ilimitada é a ambição humana. Se não atentarmos para o contexto, tais procedimentos passam a incorporar a nossa subjetividade, a nossa maneira de pensar e agir, sem que percebamos. A Literatura, um eterno

16 Ver, nesse sentido, Juss (1994).

antídoto, nos devolve a nós mesmos. É um alerta, um chamado à reflexão. A Literatura traça perfis nos quais, por um lado, nos reconhecemos ou com os quais, num extremo oposto, travamos uma relação de estranhamento. Emocionamo-nos, num processo identificatório, ou rejeitamos, numa recusa àquilo que o texto nos apresenta. Grassa, na modernidade, um acentuado teor de desumanidade, que, por força de uma prática reiterada, passou a ser considerado o normal, gozando de uma aceitação irrestrita. Difícil é, hoje em dia, ter coragem de pensar contra a corrente, e os poucos que se aventuram a fazê-lo, mesmo quando reconhecidamente embasados pelo espírito de solidariedade e de uma postura ética, além de minoritários, são considerados seres utópicos e sonhadores. Em suma, não são levados a sério, porque se constituem pequenas facções facilmente controladas pelos organismos detentores e manipuladores do poder.

No ato de leitura, espaço essencial da liberdade e do prazer, vislumbramos a possibilidade de vincular os textos, os temas, às práticas de vida. Conectadas ao mundo do leitor, as aulas de Literatura poderiam ser, na verdade, aulas de vida. É tarefa do professor o estabelecimento do elo que evidencia e propicia as pontes necessárias entre o texto e a vivência do aluno, contextualizando os enunciados com a realidade imediata desse leitor. Se vinculada à realidade, a aula de Literatura nunca será desinteressante.

Buscamos, desde sempre, completude e identidades. No planeta, uma legião majoritária de desfavorecidos pela sorte pede socorro. Num tempo de violência e insegurança, não temos mais tempo para as reflexões. Faz parte da nossa competência docente criar esses tempo e espaço para a reflexão, para o prazer no contato e exercício com a palavra. Cada vez mais carecemos de faces que nos individualizem, que nos tornem únicos, reconhecíveis. Consumistas inveterados, todos nós nos tornamos anônimos entre anônimos. Tudo tem uma urgência inócua e sem importância. Privilegiando as aparências, tudo se torna descartável, inclusive os valores humanos. Somos, lamentavelmente, não mais o que somos, mas o que temos. Conscientes dessa conjuntura, como educadores, temos que nos orientar para que invistamos numa nova maneira de preparar o leitor, sobretudo o jovem, conscientizando-o, se possível desde os primórdios, da importância de sua postura ante tudo isso que o espera na sua trajetória como cidadão atuante. Quando tomamos consciência do nosso papel no mundo, se é que tomamos, estamos tão contaminados pela ideologia da acomodação vigente, pelos hábitos culturais arraigados, que não mais conseguimos pensar fora do que,

consciente e, na maioria das vezes, inconscientemente, assimilamos.

Difícil – mas não impossível – é resgatar a lógica do nosso modo de pensar. Raramente nos aventuramos a pensar fora dos padrões pré-estabelecidos. Para quê? É muito mais fácil a acomodação dentro de um cânone que tacitamente assimilamos nos discursos convencionais do cotidiano que questioná-lo quanto à sua plausibilidade, aplicabilidade e eficácia. E, assim, vamos perpetuando irresponsavelmente uma sociedade que privilegia o (pré)estabelecido, o poder vigente, incorporando, sem sentir, à nossa prática pedagógica as incoerências comportamentais. É grande, salientamos uma vez mais, o risco de nos apegar impensadamente às tradições sem perpassá-las pelo crivo da reflexão, da eticidade.

As diferenças culturais de cada região do planeta deveriam constituir, cada qual à sua maneira, a grande orquestração que, harmonizadas, resultam no tom do contexto globalizante. As tradições – há ainda quem o negue? – são o alicerce do poder de inovação. Não se trata, obviamente, de negar ou rejeitar o passado. Só recuperando e preservando criticamente o passado, podemos criar conscientemente. Temos que aprender com o passado, para não repetir *ad infinitum* os mesmos equívocos. Porém, mais do que preservar esse passado, temos que conferir validade às posturas que se ocultam, veladas pela tradição, de forma que, ao adaptá-las, ou resgatá-las para a vida moderna, reflexivamente, possamos reavaliá-las quanto à possível aplicabilidade no contexto moderno.

Uma outra dimensão ainda deveria ser buscada quando trabalharmos com a Literatura: o prazer. O prazer propiciado pelo belo, pelo estético, pelo lúdico, pela fantasia, pelo desconhecido, pelo inusitado. Somos seres irremediavelmente ávidos de beleza, de prazer. Somos seres em busca permanente. Somos insatisfeitos. Podemos, através da Literatura, resgatar novamente a busca da beleza, da verdade, do ético. Mudam-se os paradigmas, e nós, docentes, via de regra, num inexplicável apego ao nosso conservadorismo, não acompanhamos as mudanças. Há que se criar e desenvolver sensibilidades, criar novos paradigmas para a análise. Gosto é que se discute, se cria, se desenvolve. Discutir sempre e estar aberto para o advento do novo, sem perder, no entanto, a dimensão do velho. Não permitir que velhos cânones se interponham como obstáculos intransponíveis para o surgimento de novos modelos, novas possibilidades de expressão e de realização artística. Há que se instaurar a valorização, em todas as dimensões, da potencialidade essencialmente humana. Se essa dimensão humana for resgatada, tudo o mais está salvo. Por isso, a escolha do repertório, o acompanhamento às leituras

propostas, a interpretação e a análise dos textos, quer quanto à forma, quer quanto ao conteúdo, instâncias que se sabem indissociáveis, bem como a postura do professor, são elementos essenciais para o sucesso de qualquer aula, mas, principalmente, da aula de Literatura.

A aula de Literatura que propomos é a que proporcione prazer e não aquela que se converta em sofrimento, tortura, cobrança. Literatura é viagem, devaneio, entrega, desprendimento, possibilidades permanentemente abertas ao sonho, à reflexão. Toda leitura se constrói de textos que dialogam com outros textos, com outros contextos. Tudo o que é bom nos impulsiona a desejar a repetição. Despertar, pois, o prazer da leitura é criar novos leitores cativos do encantamento do divino no humano. Para educar é necessário, antes de tudo, qualquer que seja a área do saber humano, desenvolver práticas convincentes e prazerosas de leituras.

BIBLIOGRAFIA

- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.
- JAUSS, Hans Robert. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. Trad. Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.
- LAJOLO, Marisa. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. São Paulo: Ática, 1993.
- LEITE, L. C. M. *Invasão da catedral – Literatura e ensino em debate*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.
- LÜCK, Heloísa. *Pedagogia interdisciplinar – fundamentos teórico-metodológicos*. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. *Questões de arte y literatura*. Trad. Jesús Alves Pacheco. Barcelona: Península, 1975.
- SILVA, Ezequiel T. da. *O ato de ler – fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura*. São Paulo: Cortez, 1981.
- ZILBERMAN, Regina (Org). *Leitura em crise na escola – as alternativas do professor*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.